

# Articulando gênero, sexualidade e subjetividade\*

*Laura Helena Chaves Nunes Vieira*

Professora Assistente do Departamento de Psicologia – CFH – UFSC

## Resumo

Neste estudo sobre a mulher, inserida em contexto patriarcal e capitalista, busquei elementos sócio-psicológicos que influenciam na vivência e construção do papel feminino em relação a sua sexualidade.

Entrevistei seis mulheres entre 30 e 42 anos, com renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos, com escolaridade universitária e com dois filhos sendo uma sem filhos. Possuem vida sexual ativa no mínimo há cinco anos e relação estável

## Abstract

This is a study about women as inserted into a patriarchal and capitalistic environment in which social and psychological elements – that work as determinants of lifescope and the way women build female roles as related to their own sexuality – were searched for.

Six women, ages between 30 and 42, were interviewed. Their family income lies between 10 to 20 minimum wage units, i.e., US\$ 500.00 to 1,000.00 per

\* Articulating Gender, Sexuality And Subjectivity

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v. 15	n. 21	p.71-90	1997
-----------------------------	---------------	-------	-------	---------	------

com o mesmo parceiro, presente ou passada, de, no mínimo, dois anos.

Os dados foram trabalhados através do procedimento metodológico denominado análise compreensiva de base fenomenológica (Nara Bernardes, 1991).

Ao analisar o discurso feminino, destaca-se que a sexualidade dessas mulheres foi marcada por uma série de estratégias de interdição e transgressão em relação à fruição do prazer sexual feminino. Para algumas, desfrutar da sua sexualidade se apresenta como uma realidade, enquanto para outras é ainda uma utopia.

**Palavras-chave:** Psicologia social, gênero, sexualidade, subjetividade

month; they have a college education. Each has led a rather active sexual life and were enjoyed in a stable relationship with the same partner for at least two years.

Collected data were analysed with methodological procedures designated as Phenomenologically-based Comprehensive Analysis (Nara Bernardes, 1991).

This procedure allowed analysing the female discourses from which it was made clear that the sexuality of these women was biased through a series of interdict and trespass strategies toward the enjoyment of female orgasm. For some, personal enjoyment of their sexuality became real and for others it is still in the realms of utopia.

**Keywords:** Social psychology, gender, sexuality, subjectivity

E quando finalmente ele a penetrou, a primeira vez em muito tempo de completo esquecimento de suas inseparáveis fantasias, defesas constantes contra seus medos de dar-se, de sofrer, de amar, de ficar sozinha, suas pernas balançaram involuntárias, espasmódicas, devagar, urgente devagar urgente Alícia imperfeita perfeita caída resplandecente levíssima vasta ampla devagar urgente Alícia reservatório fenda cratera cisterna ávida sedenta piano piano abismo precipício descolada desgovernada archote concavidade suarenta urgente devagar *staccato* sem pressa no tempo urgente devagar Alícia plástica Aldebaran desconhecido no céu de touro cascata veloce adagio fendida doída esfolada alquebrada dilacerada invadida cometa zunindo feroso senza paura piano conteúdo continente veloce sofrida vulnerável entregue

*accesa staccato* urgente devagar avalanche desmaterializada choro irreprimido... ela também murmurou... Eduardo.” (Conto “Aldebaran”, de Berenice Lamas – 1992 – Fragmento).

O texto literário ilustra as expressões da interioridade, referente à vivência de um orgasmo pela voz de uma mulher. As palavras dessa personagem nomeiam o órgão sexual feminino de modo ficcional – simbólico, sendo que a linguagem se distancia da usual: científica ou vulgar. Dizem também os sentimentos vividos na experiência orgástica, com riqueza, diversidade e beleza.

Esse conto não reflete a realidade das mulheres, pois a sexualidade feminina, no mundo contemporâneo, continua sendo alvo de inúmeras estratégias de contenção, apesar do discurso pseudo-liberal que pretende que as mulheres têm autonomia no pensar, falar e agir em relação à fruição do prazer sexual.

Na realidade, a sexualidade feminina é uma área do conhecimento pouco explorada, sendo que, além da escassez de estudos a respeito, a maioria deles parte de um modelo e uma lógica masculinos, negando a subjetividade de cada gênero.

Em minha experiência profissional, como psicóloga, ao trabalhar com mulheres, fui percebendo que as dificuldades relacionadas com a sexualidade eram uma constante. Também notei que falar sobre o assunto era algo extremamente penoso. Essa realidade não se restringia ao ambiente profissional, estendendo-se a mulheres com as quais eu mantinha relações pessoais e que dividiam comigo suas dúvidas, medos e insatisfações.

Entendo a sexualidade como mais abrangente que o sexo. O sexo é apenas um aspecto da sexualidade, que não a esgota, pois esta não é reduzível ao genital, ao biológico. A sexualidade abrange relações sexuadas, relações de troca e produção, nas quais os afetos estão presentes (Marilena Chauí, 1984). Diz respeito ao íntimo e ao social, referindo-se tanto ao privado quanto ao público. É uma dimensão dinâmica, dialética e processual da

existência humana, contendo a intencionalidade (César Aparecido Nunes, 1987).

A sociedade utiliza inúmeros mecanismos para que a sexualidade se restrinja ao genital e à reprodução, em especial a sexualidade feminina, a fim de que a mulher conforme-se no papel de gênero que lhe é imposto.

O termo gênero foi criado para acentuar as relações sociais, construídas a partir da interpretação do biológico. Gênero é o significado social e político historicamente atribuído a cada sexo, é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (Joan Scott, 1990, p. 7).

Na construção de gênero, a mulher foi sendo despojada de seu corpo e de sua sexualidade, sendo que, para construir sua subjetividade, a sociedade lança mão de várias instituições, entre as quais destaco a família, a escola e a igreja.

A subjetividade é construída na relação do social com o individual, sendo que a apropriação ativa do sujeito acontece a partir de sua interação com o Outro, seja ele um agente de cultura (mãe, professor) ou um outro elemento constitutivo (organização social, sistema de crenças e valores). O processo pressupõe a ação do meio social para a construção do meio interno e da consciência. A realidade histórica se impõe a cada pessoa na sua significação, de maneira particular, embora haja, em nossa sociedade, pouco espaço para as diferenças. Através da atividade humana e da linguagem que a representa, chega-se a objetivar o subjetivo, analisar o psiquismo (Liev Vygotsky, 1991; Alexis Leontiev, 1978; Marta Shuare, 1990).

No processo de construção de subjetividades, a sociedade lança mão do conhecimento mítico, enquanto produção cultural, para repassar a sua ideologia. O modelo de homem e mulher que cunha o nosso imaginário é o de Adão e Eva, perpetuando os papéis excludentes dos sexos, numa relação de dominação. Esse modelo se contrapõe ao mito de Lilith – um relato diferente da história da criação que diz que ela foi a primeira mulher de Adão, criada, como

ele, à imagem de Deus. A desarmonia entre os dois culminou com a fuga de Lilith, a fim de não ser subjugada por Adão, inclusive no plano sexual (Bárbara, Koltuv, 1991). O mito simboliza a transgressão da lei, a assunção do desejo e a insubmissão ao homem. Por não veicular o ideário dominante, foi mantido no esquecimento, dando lugar ao mito de Adão e Eva, que expressa a dominação masculina e a inferioridade feminina. O espaço feminino e o masculino se constituem, portanto, em mundos separados, paralelos e incomunicáveis (Laura Vieira, 1994).

A sociedade produz estereótipos que são consumidos como inatos. Sob o manto da naturalidade, a ideologia é veiculada e, na inconsistência de suas verdadeiras intenções, é perpetuada pela opinião pública, pelo consenso pequeno-burguês e pelos preconceitos.

No sentido de compreender como a mulher contemporânea, de uma condição privilegiada em relação à maioria da população feminina brasileira, está lidando com o seu prazer, com a sua sexualidade, escolhi intencionalmente seis mulheres entre 30 e 42 anos, com vida sexual ativa há, no mínimo, cinco anos, com renda familiar entre 10 e 20 salários mínimos, com relação estável, presente ou passada, com um mesmo parceiro por um período mínimo de dois anos. A maioria teve a experiência de um casamento, sendo que três continuam casadas com o mesmo parceiro, uma tem três filhos e as demais, dois filhos. Apenas uma é solteira, não tendo filhos. São profissionais liberais ou assalariadas, sendo duas provedoras da família.

Entrevistei-as, trabalhando os dados através da análise compreensiva de base fenomenológica de Nara Bernardes (1991). Este procedimento parte do discurso dos sujeitos, fazendo uma elaboração que capta o essencial e o organiza em categorias psicológicas gerais. Ao articular todas as entrevistas em uma fala coletiva feminina, a experiência vivida se evidenciou em três temas: as interdições, as transgressões e a fruição do prazer sexual feminino: realidade ou utopia.

## As interdições

As interdições se constituem em impedimentos e proibições em relação à sexualidade. A partir do discurso das entrevistadas constatee que a família e a escola desempenham um papel decisivo na construção social de gênero, ditando e moldando o feminino a partir do controle da sexualidade, objetivando a preservação do casamento, da maternidade e da fidelidade – valores que interessam à sociedade na qual estamos inseridos (Elena Belotti, 1981; Simone de Beauvoir, 1980).

As mulheres entrevistadas indicam as mães como figuras de maior influência na educação sexual, na qual o sexo era considerado tabu, o que foi atribuído em parte ao momento sócio-histórico em que viviam.

As mães das entrevistadas, na sua maioria confinadas ao mundo privado – estratégia que, confirmando a teoria, dificulta a inserção no mundo público, a participação política e a consciência de cidadania (Georges Duby e Michelle Perrot, 1991) – perpetuam a própria desigualdade ao reproduzir o modelo de desvalorização do feminino, tornando-se reprimidas e repressoras a um só tempo (Wilza Vieira Villela, 1992; Carlos Del Pino, 1985). As mães, sem a menor crítica, abastecem a sociedade com novas mulheres impregnadas de velhos preconceitos. E tal configuração se faz mais nítida em relação à sexualidade das meninas, que é negada, cerceada e ocultada.

No processo que foi identificando as meninas com o seu papel de gênero passivo e submisso em oposição ao masculino – ativo e agressivo (Marta Lamas, 1986), as mulheres entrevistadas foram aprendendo que a elas estava vedado o conhecimento a respeito do sexo. O mesmo era algo proibido e deveria acontecer apenas dentro do matrimônio e vinculado à reprodução.

Como a exploração genital foi proibida às meninas, tanto quanto ao toque como quanto à utilização da linguagem para se referir a seus órgãos sexuais, foram encorajadas a se alienarem

e esquecerem que têm sexo, internalizando as estruturas sociais que engendram o modelo de feminino submisso.

A masturbação é uma interdição que algumas mulheres transgrediam por priorizar seus desejos, a despeito da conotação religiosa de pecado. Havia reprimendas maternas dirigidas a qualquer toque nos genitais, sendo que eram proibidas de dormir com as mãos sob os lençóis. Há mulheres que não se masturbavam quando meninas, por acharem que era um ato exclusivo do sexo masculino, que os levaria à loucura, cegueira ou calvície; e outras que introjetaram tanto a repressão que jamais a praticaram, nem na idade adulta. Quando a masturbação acontecia no misto de excitação e culpa, era escondida, não sendo compartilhada nem com amigas.

Não importa o quanto varie na forma, o discurso que revela as interdições a respeito da sexualidade foi repetitivo, incisivo e radical desde a infância, objetivando dissociar sexo de prazer. Ao atrelá-lo a obrigação e desqualificação, a cultura incentiva os papéis excludentes de sexo na área mais íntima dos seres humanos, contribuindo para a perda do erotismo feminino, a pobreza das relações e a insatisfação existencial (Alda Facio, 1989).

A família não está sozinha na tarefa de repassar os valores sociais que mantêm a desigualdade sexual e a dupla moral desta sociedade, que discrimina, desvaloriza e explora sexualmente a mulher. A socialização das entrevistadas contou com o apoio e reforço da escola na construção social do papel de gênero feminino (Mostserrat Moreno, 1986). As mulheres são as principais transmissoras dessa visão, tanto como mães quanto como educadoras. A principal função da escola, embora informal, consiste na transmissão dos valores incutidos nas próprias educadoras. Mais importante que a profissão era o casamento, pois na perspectiva do mesmo os estudos eram interrompidos sem o menor questionamento. Só foram retomados pela maioria das entrevistadas quando já estavam casadas e com filhos.

Ainda foi na infância que as entrevistadas sofreram menos repressão, pois havia maior liberdade para romper as fronteiras de espaço de cada sexo. A adolescência, marcada pela menarca, inaugura um período de interdição bem maior, no qual a sexualidade destas mulheres passa a ser mais controlada e vigiada, a fim de limitar a autonomia, para garantir a virgindade, evitando também a possibilidade de uma gravidez. As interdições aparecem na forma de censura de roupas ousadas, como *shorts* ou blusas decotadas; no silêncio frente às indagações das filhas sobre o que é inseminação; nas limitações do convívio com o sexo oposto e no dia-a-dia ocupado com tarefas escolares e domésticas, incluindo cuidar de bebê e assistir partos; havendo pouco espaço para lazer.

A fim de exercer o domínio e controle sobre a sexualidade das mulheres, a sociedade utiliza estratégias como a produção de um saber ao qual as pessoas devem se adequar. É um saber que diz o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, a respeito do sexo e da sexualidade. Este saber está a serviço do poder patriarcal (Michel Foucault, 1985; Wilhelm Reich e Claude Alzon, s.d.).

A sonegação de informações se estendeu até o casamento das entrevistadas, sendo que apenas algumas foram alertadas sobre anticoncepção, na forma de uma consulta médica ou de uma cartela de anticoncepcional presenteada pela mãe, sem maiores explicações.

O casamento, meta da educação feminina, também está repleto de interdições, agora com a finalidade de garantir que as mulheres se limitem ao papel tradicional de esposa: que sejam companheiras, que priorizem os desejos dos maridos, que respeitem os valores morais da fidelidade e que eduquem os filhos, mas principalmente as filhas, dentro da mesma concepção em que foram criadas. A falta de educação sexual contribuiu para gestações precoces ou indesejadas, dando margem a abusos sexuais sutilmente exercidos pelos maridos.



As interdições visam despojar as mulheres de subjetividade, tornando-as um objeto a serviço de um papel social pré-determinado, seja pela força de trabalho, seja pela capacidade reprodutiva ou ambas.

## **As transgressões**

Transgredir significa desobedecer, deixar de cumprir as ordens, o que aconteceu mais intensamente na adolescência das entrevistadas. A vivência do prazer sexual veio ameaçar todo o trabalho de interdição que vinha sendo feito. O prazer é descoberto na exploração do próprio corpo, incluindo a masturbação, e na vivência erótica com o sexo oposto. Todas as entrevistadas tinham consciência de que tal comportamento era transgressivo, devendo ser mantido em segredo.

As mulheres, não permanecendo passivas frente às interdições, esboçaram reações transgressoras. Nas vivências com os namorados, alcançaram o orgasmo através de carícias trocadas, porém a maioria não chegou a manter uma relação sexual completa. As entrevistadas afirmam que a precocidade destas experiências – a idade variava entre 13 e 15 anos – aumentou a culpa e reforçou a inadequação que sentiam. Uma das reações que confirma o interdito foi a de reprimir os impulsos e passar a agir dentro do padrão social. A outra, a transgressiva, foi a de dar vazão aos desejos, chegando a ter uma relação sexual completa, com penetração. Em ambos os casos, isso não impediu suas dificuldades em sentir prazer.

Vivência diferente é a da mulher que buscou o seu prazer, transgredindo normas familiares e religiosas, sem culpas ou recriminações, pois o limite para as carícias era dado por uma moral própria, que lhe garantia o orgasmo tanto na relação com o namorado como na masturbação. Apesar disso, também chegou virgem ao casamento, por valorizar a virgindade.

Enfim, todas as mulheres incorporaram o ideal romântico (Antonie Prost & Gérard Vicent, 1992), traduzido no casamento

por amor, que legitima a sexualidade. Às vésperas do século XXI, as mulheres que entrevistei ainda casam e têm filhos, cumprindo um **destino** imposto culturalmente, sem questioná-lo.

A situação da única das entrevistadas que permaneceu solteira e sem filhos revela que isto ainda é vivido como um estigma social e como incompetência pessoal, pois o papel cultural feminino ainda supõe incompletude (Maria Escolástica Silva, 1988), necessitando do homem para se realizar. Uma aparente transgressão ao modelo tradicional pode, muitas vezes, reforçar a própria interdição. Independente financeiramente, obtendo orgasmos através da masturbação, esta mulher se sujeita a relações com homens incompatíveis no plano sexual, emocional e intelectual, apenas para não fugir de um padrão que lhe incute a necessidade de um companheiro.

A maioria das entrevistadas casou com o primeiro parceiro sexual, permanecendo na relação, independente de estar satisfeita. Apenas uma efetivou a separação, buscando outra relação. Todas preservam o valor da fidelidade, ainda que não exista reciprocidade masculina (Cécile Wajsbrot, 1992).

Em relação à maternidade, a maioria das mulheres tem filhos sem planejamento, por falha na administração do método contraceptivo ou para cumprir o papel de mãe. A anticoncepção é uma tarefa difícil de ser realizada no individual, apesar de essa conquista social já ter mais de trinta anos. Não é fácil desvincular a sexualidade da reprodução, pois a ideologia afirma que é só através da maternidade que a mulher realiza.

O papel de mãe entra em choque com o de amante no casamento das entrevistadas. A presença de crianças limita horários, dias e locais, sendo que, por ocasião de doenças dos filhos, chega a gerar abstinência sexual. A maternidade sobrecarregou essas mulheres, que passaram a arcar sozinhas com as atividades da maternação (Nancy Chodorow, 1990).

Procuram, no papel de mães, subverter esta postura moralista a respeito de sexualidade, enfatizando a busca do prazer,

que não é desvinculado da responsabilidade, em todos os aspectos da vida: pessoal, escolar e social. Estão atentas a informar e formar em seus filhos uma nova visão de sexualidade, em que a liberdade, a naturalidade, o diálogo e as expressões de afeto contribuam para que haja mais prazer a este respeito.

Independente de como encaram a educação que receberam, todas as entrevistadas concordam que o que vem a constituir a sexualidade feminina está profundamente marcado pelas ocorrências infantis e pelas informações a que tem acesso. O conceito desvalorizador e limitador a respeito do papel feminino, que se contrapõe ao masculino, sendo considerado inferior a ele, foi determinante em suas dificuldades enquanto seres autônomos, inclusive sobre a apropriação de suas sexualidades.

A educação sexual demonstra a sua importância na vida futura das mulheres entrevistadas, na medida em que vai permeando os diferentes aspectos da trajetória de vida, seja refletindo contradições, seja reforçando a ideologia. Os binômios prazer-desprazer, permissão-culpa, autonomia-dependência refletem a contradição na qual se inserem as mulheres a partir do confronto de seus desejos com as interdições.

No papel de amante as mulheres também precisam transgredir algumas proibições. A primeira relação sexual da maioria das entrevistadas está ligada, de alguma maneira, ao casamento, acontecendo com o futuro marido ou após a celebração da cerimônia. As mulheres se referem à primeira relação sexual como algo extremamente significativo para a futura vida sexual. Embora algumas não lembrem dos detalhes da experiência, referem que a mesma foi gratificante quando aconteceu um clima de ternura, respeito e calma, destacando a figura do parceiro que as iniciou. Outras destacam a relação completa, com a ejaculação do parceiro no interior da vagina, pela importância de receber o seu esperma, mesmo que já tivessem sido defloradas anteriormente.

As concepções a respeito da primeira relação estão impregnadas de idéias românticas; as dificuldades de sintonia com o parceiro, que já aparecem nas primeiras relações, trazem a idéia de sua incompetência sexual, o que leva algumas mulheres a protelar e evitar o sexo nos relacionamentos. Essa postura incrementa dificuldades em alcançar o orgasmo, que só são vencidas pelas mulheres através da prática, da intimidade e da superação de preconceitos.

As mulheres que até hoje apresentam dificuldades em atingir o orgasmo atribuem a responsabilidade ao parceiro, que não soube iniciá-las nos prazeres da carne. Em todos os relatos, fica claro o quanto estão impregnadas do ideal romântico, no qual a figura do homem adquire um caráter mágico, iniciando as passivas e **ignorantes** parceiras. O saber e o poder estão colocados no masculino, e elas continuam atuando em função deles. Para evitar o julgamento de seus parceiros, algumas nem sequer se desnudam na presença dos mesmos, e fazem sexo no escuro. Diferente é a condição da mulher que explora e varia as posições sexuais, priorizando seus desejos.

Para a maioria, o casamento constrói a fruição da sexualidade, sendo que o aprendizado na variação e desenvoltura das práticas sexuais se dá apenas com o marido. Assim, o parceiro é considerado a única fonte de bloqueio ou de prazer.

A superação acontece quando a mulher abandona a postura receptiva-passiva que supõe disponibilidade e submissão. As mulheres que passaram a buscar ativamente uma vida sexual satisfatória compartilham a opinião de que a falta de informações, o medo de uma possível gravidez, o excesso de moralismo e os preconceitos foram responsáveis por as vivências iniciais da sexualidade caracterizarem-se por desprazer, interdição e culpa.

Consideram que usufruir da sexualidade pressupõe carinho, encontro, transparência, flexibilidade, confiança, tesão e sinceridade, enfatizando a importância das fantasias e do clima. Ainda que algumas mantenham diálogo franco com os parceiros a respeito de seus sentimentos e preferências, nem todas, no

entanto, atualizam, na prática, o seu discurso. Essa dissociação origina-se em medos e temores infantis e adolescentes, frutos da educação recebida, que as impedia de ousar, correr riscos, abandonar-se aos prazeres do sexo, tomar a iniciativa, assumir seus desejos e dizê-los abertamente.

Há mulheres que revelam a dificuldade de se assumir como sujeitos e construtores de sua identidade sexual, na medida em que se colocam como objetos do desejo do homem, como no exemplo em que a mulher se submete a uma prática que lhe é desagradável, incômoda e, às vezes dolorosa – o sexo anal – apenas para agradar o seu marido e garantir a fidelidade dele. Aqui aparece um outro modo de lidar com a dupla moral. Afim de evitar a traição do parceiro, a mulher precisa satisfazer todos os desejos dele.

A postura feminina de se colocar como um ser **com** e **para** o outro, não se assumindo nem se responsabilizando como sujeito de seu destino, também se evidencia no aspecto da contracepção. Independente dos métodos utilizados – tabelinha, coito interrompido, pílula, diafragma e DIU – a escolha foi determinada por decisão alheia, seja a mãe, o médico ou o parceiro, sem o menor questionamento dos efeitos colaterais dos mesmos sobre o corpo feminino: sua saúde ou seu prazer. A contracepção se confirma como uma responsabilidade feminina, pois em casos de eventuais falhas da mesma, apenas as entrevistadas arcaram com este ônus. Quando há gravidez, é a mulher que tem de abrir mão de outros aspectos de sua vida – estudos, profissão – para se dedicar ao filho ou, conforme relatado, assumir a opção pelo aborto individualmente, pois o companheiro se omite, declarando que a decisão é exclusivamente dela.

Nos casos em que o parceiro assume a responsabilidade da contracepção, optando pela vasectomia, observa-se que a opção é conseqüência de uma pressão externa, como no caso de advertência médica em relação aos malefícios da pílula para o organismo de uma das entrevistadas.

A vida sexual dessas mulheres se caracteriza pelos elementos destacados por Sigmund Freud (1973b) como próprios

da mulher genitalmente adulta, que se evidencia pela maternidade e pela sexualidade passiva-receptiva: um montante elevado de narcisismo, de modo que para ela seja mais importante ser amada do que amar. Sigmund Freud (1973a) afirma que a mulher estima os seus atrativos com a mesma intensidade e a mesma proporção que os considera uma compensação posterior de sua inferioridade sexual original. A inferioridade perpassa o discurso das mulheres, porém não se deve a um determinismo biológico, mas sim à construção social de gênero. A misoginia de Freud (1973a,1973b) causou profundo dano na visão sobre a mulher, pois seus preconceitos se revestiram de cientificidade e desta forma foram propagados.

A visão distorcida a respeito da sexualidade leva a afirmações de que os parceiros estão sempre disponíveis e receptivos sexualmente, como se aos homens fosse dada uma energia sobre-humana, como se a eles, em função do pênis, fosse dada a onipotência, contrapondo-se à impotência feminina que é vinculada a ausência do falo.

Esses preconceitos são reforçados pela visão psicanalítica freudiana, na qual a mulher é identificada com um corpo desqualificado, por ser destituído de pênis. Por ser percebida como um corpo de menor valor que o do homem na nossa sociedade, acaba sendo associada com o lado animal. A mulher é considerada mais instintiva e sensível que o homem, que é identificado, com o intelecto e a vontade. A mulher é dominada por seus impulsos, enquanto o homem os domina através da sua lógica, na representação veiculada pelo senso comum.

Com uma visão mais progressista da psicanálise, Janine Chasseguet-Smirgel (1975) reconsidera a inveja do pênis como uma expressão simbólica ao desejo de desprender-se, por fim, do interdito e tornar-se autônoma, completa, mulher capaz de experienciar a transgressão e assumir a sua sexualidade. A inveja do pênis é uma construção social que surge a partir do processo de simbolização da diferença sexual no interior de uma determinada cultura. Como o pênis é símbolo de poder e prazer na sociedade patriarcal, não é preciso que a menina sinta falta

do pênis para viver seu complexo de castração. Basta que experimente em si mesma a educação repressiva que induz à passividade e dependência (Carlos Del Pino, 1985).

A mulher, por não possuir o pênis – um significante específico – torna-se:

porta-voz de todos os outros. E nisso ela perde a voz, perde-se a si mesma na medida em que por ela passam todas as significações, todas as identificações que um princípio semelhante ao que rege o estabelecimento de sintomas no sujeito, pode também produzir sintomas na sociedade humana, constituindo e cristalizando-se em determinada realidade social (Maria Escolástica Silva, 1988, p. 28).

Na sociedade patriarcal o pênis simboliza o poder. A teoria freudiana afirma a inveja do pênis na mulher, e que a mesma é um ser incompleto. Talvez a inveja que Freud observou em suas pacientes fosse a inveja do poder do homem da era vitoriana, simbolizado no pênis; e a sensação de incompletude se devesse ao fato de que algo realmente faltava às mulheres. Não um órgão sexual aparente, e sim condições sociais para que se realizassem plenamente como seres humanos.

A crítica ao sexismo freudiano surgiu de várias vertentes. A atuação do movimento feminista, a contribuição de psicanalistas contemporâneos e de marxistas que evoluíram na sua teoria e prática merecem destaque. A grande contribuição está em questionar os imperativos biológicos da natureza feminina, situando a condição da mulher no contexto sócio-histórico.

No atual contexto sócio-histórico, as mulheres, conforme o relato das entrevistadas, continuam a ser despojadas do saber sobre seus corpos, pois o conhecimento implica em poder e independência. A opressão feminina se configura em vários níveis, do público ao privado, enfatizando-se no corporal e sexual, agindo sobre o prazer feminino. A ignorância das mulheres ultrapassa o anatômico, estendendo-se para os aspectos psicológicos. Ignorância cunhada pelo patriarcado, que dificulta a transgressão.

As expressões de cada uma frente ao interdito se manifestam por transgressões de algumas entrevistadas. São elas que possibilitam uma mudança na sexualidade feminina, abrindo brechas que são indícios de novas configurações nas relações entre as pessoas e entre a mulher e seu desejo. Aí se expressa a contradição, pois a sociedade está alerta a essas brechas, aproveitando-as para reforçar a própria interdição. Um exemplo é o discurso contemporâneo sobre sexualidade: aparentemente é um discurso liberado; com a intenção de manter o estabelecido, apropria-se até das conquistas do movimento feminista para reforçar os valores reacionários (Nancy Fraser, 1991; Richard Sennett, 1988; Madel T. Luz, 1987; André Béjin, 1987 e Philippe Ariès, 1986).

### **Fruição do prazer feminino: realidade ou utopia**

Embora a fruição do prazer feminino não configure uma realidade estabelecida, acontece em maior ou menor grau na vida das entrevistadas, preparando para a utopia (utopia como afirmação de uma possibilidade), para uma sexualidade não mais fragmentada ou deslocada. Acreditando sensato o desejo do impossível, as mulheres entrevistadas engendram a contra-hegemonia, opondo-se ao esforço social para reduzir, aprisionar e negar a sua condição de sujeitos (Zuleika Alambert, 1986).

Algumas mulheres, a despeito da ação da família, escola e meio social, conseguiram resgatar o prazer, assumindo a fruição de sua sexualidade. Nesse processo, tiveram o apoio da vida profissional, priorizando-se frente a marido e filhos, além da cumplicidade do parceiro. Outras internalizaram tanto os valores repressivos que jamais tiveram um orgasmo.

Para essas mulheres, o orgasmo não acontece em todas as relações em razão da própria racionalidade, das preocupações com a vida cotidiana, da falta de espontaneidade, de intimidade e de confiança no parceiro. Elas se sujeitam a relações sem desejos, sem preliminares e anorgásticas. Por não saberem dizer, definir, expressar e nomear o prazer, privam-se até da palavra como expressão do pensamento.



No resgate do corpo e do prazer, as entrevistadas enfatizam a importância do transcorrer do tempo, que trouxe intimidade consigo e com o parceiro através das práticas sexuais que foram se sucedendo e aprimorando a sexualidade. A maioria descobriu os caminhos do orgasmo através de um esforço solitário, com muito desgaste no confronto da experiência com os ensinamentos recebidos, pois até nos parceiros encontravam ignorância. Algumas vezes, os parceiros desconheciam a localização do clitóris e da vagina; levando as próprias mulheres, iniciadas na vida sexual por eles, a instruí-los sobre como alcançar uma vida sexual mais qualificada.

O orgasmo é um instante de prazer em que a perda de consciência durante alguns segundos, dá a sensação de eternidade, reforçando a relação com o parceiro (Tony Anarella, 1992). Na conquista do orgasmo, é essencial priorizar a qualidade da relação, as mudanças afetivas das diferentes etapas da vida e o trabalho do sentimento amoroso, combatendo a sexualidade operatória e narcísica da atualidade.

Para usufruir plenamente de sua sexualidade, as mulheres transgrediram no mundo do trabalho e na maternação. Passaram a priorizar suas atuações no mundo público, a comprometerem os parceiros na divisão de tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, ou abriram mão do papel tradicional de mãe, apesar das questões sociais.

Ao perceberem que o respeito pelas próprias individualidades trouxe perspectivas alheias ao doméstico, as mulheres entrevistadas iniciaram a reconstrução de seu papel de gênero, guiando-se por novos parâmetros, abdicando de posturas tradicionais e se propondo a experimentar seus desejos, o que acontece através de inúmeros caminhos: separação, viuvez, estudos, profissionalização, terapia, reflexão...

As mulheres que entrevistei, ao se aproximarem da maturidade, desvencilharam-se de preconceitos, e novas perspectivas, fruto da experiência vivida e do acesso ao saber, permitiram a melhor fruição da sexualidade.

Ao unir o público ao privado, a mulher transgride a lei social que a confirma apenas no doméstico. Ao assumir a responsabilidade do orçamento familiar, ao abrir mão do vínculo simbiótico entre mãe e filho, promove rachaduras no alicerce da sociedade patriarcal, construindo uma contra-hegemonia a tal modelo. É nesse pequeno grau de liberdade que as mulheres constroem a utopia do prazer sexual feminino. É nesse espaço ínfimo que encontram oportunidade de romper com os preconceitos, que servem como poderosas amarras impeditivas de mudança social. Ao tomar posse de sua fala, de seus anseios e de seus projetos, a mulher rompe a relação de submissão à qual estava condicionada a partir da infância.

É na experiência de interdição e transgressão, nesse jogo dialético, que são delineados novos contornos, possibilitando a utopia. “O conhecimento do erotismo (...) exige uma experiência pessoal, igual e contraditória, do interdito e da transgressão” (Georges Bataille, 1987, p. 33).

Ao resgatar a sexualidade, o erotismo, o prazer de viver, as mulheres vão recuperando sua identidade e autonomia. Essa constitui a atitude revolucionária que reestruturará as relações femininas com o mundo público e privado em novas bases. Compartilhando a vida com um companheiro também cômico de sua cidadania, irão socializar as novas crianças, inseridas num paradigma de parceria e solidariedade. Esta é a utopia que ameaça o sistema social vigente – a educação das novas gerações, na qual o condicionamento exclusivo das meninas para a maternidade e dos meninos para a esfera pública não mais acontecerá. Então a sociedade terá que admitir e lidar com os vários desejos, oriundos de cada subjetividade.

## **Referências bibliográficas**

- ALAMBERT, Zuleika. *Feminismo: o ponto de vista marxista*. São Paulo : Nobel, 1986.
- ANATRELLA, Tony. *O sexo esquecido*. Rio de Janeiro : Campus, 1992.

- ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre : L&PM, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- BÉJIN, André. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- BELOTTI, Elena. *Educar para a submissão*. Petrópolis : Vozes, 1981.
- BERNARDES, Nara. Análise compreensiva de base fenomenológica e o estudo da experiência vivida de crianças e adultos. Porto Alegre : *Educação*, n. 20, p. 15-40, 1991.
- BERNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. São Paulo : Summus, 1985.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Sexualidade feminina: uma abordagem psicanalítica contemporânea*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1975.
- CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1990.
- DEL PINO, Carlos Castilla. *Cuatro ensayos sobre la mujer*. Madrid : Alianza, 1985.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres: la Antigüedad*. Madrid : Taurus, 1991.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1984.
- FACIO, Alda. La educacion sexual como instrumento de cambio social. *Mujer/Fempres*, Santiago, n. 98, p. 6, 1989.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- FRASER, Nancy. Que é crítico na teoria crítica. In: BENHABID, Seyla & CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1991.
- FREUD, Sigmund (1933). *La Feminidad*. Obras Completas. Tomo III, Madrid : Biblioteca Nueva, 1973a.
- \_\_\_\_\_. (1931). *Sobre la sexualidad feminina*. Obras Completas. Tomo III, Madrid : Biblioteca Nueva, 1973b.
- KOLTUV, Bárbara Black. *O livro de Lilith*. São Paulo : Cultrix, 1991.

- LAMAS, Marta. La antropologia feminista e la categoria gênero. *Nueva Antropologia*. México, v. VIII, n. 30, p. 173-198, nov. 1986.
- LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa : Horizonte, 1978.
- LUZ, Madel T. Identidade masculino-feminino na sociedade urbana brasileira atual: crise nas representações. In: DA POIAN, Carmem (org.). *Homem-mulher: abordagens sociais e psicanalíticas*. Rio de Janeiro : Taurus, 1987.
- MONTEIRO, Marli Piva. *Mulher profissão mulher*. Petrópolis : Vozes, 1990.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser niña: el sexismo in la escuela*. Barcelona : Icaria, 1986.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. Campinas : Papirus, 1987.
- PROST, Antonie & VICENT, Gérard (org.). *História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- REICH, Wilhelm & ALZON, Claude. *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura*. São Paulo : Martins Fontes, s.d.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16 (2), p. 5-22, jul/dez, 1990.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- SHUARE, Marta. *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscú : Progreso, 1990
- SILVA, Maria Escolástica Álvares da. *Mulher, substantivo masculino*. Campinas : Unicamp, 1988.
- VIEIRA, Laura Helena Chaves Nunes. Acerca do prazer sexual feminino. In: CARDOSO, Reolina S. *É uma mulher*. Petrópolis : Vozes, 1994.
- VILLELA, Wilza Vieira. Mulher e saúde mental: da importância do conceito de gênero na abordagem da loucura feminina. In: *Primeiro Congresso Internacional "Salud Psicosocial – Cultura y Democracia en America Latina"*, Assunção, 1992.
- VYGOTSKI, Liev Semiónovich. *Obras escogidas*. España : Visor, 1991.
- WAJSBROT, Cécile (org.). *A fidelidade: um horizonte, uma troca, uma memória*. Porto Alegre : L&PM, 1992.